

Julho 73

informação associativa 2

A Eficiência do Sales maior que a da Polícia

A prisão de 21 estudantes do insti-
tuto superior técnico quando, em letras
cumpram uma decisão de RGA - a expul-
são física dos porilas das escolas - em
que eles fossem aparecendo - levou a um
forte movimento de luta pela sua liber-
tação, com a paralização completa de to-
das as aulas, testes, ou exames.

Logo desde os primeiros dias, que
o director Sales Luis tem tentado mo-
ver os estudantes de continuar a apoiar os
seus colegas presos. E, perante a firme-
za que opõem, ele viu-se na necessidade
de, para além de recorrer a vários méto-
dos para ver se alguns deles "pega", man-
ter sempre o Técnico fechado, dificul-
tando assim as possibilidades de organi-
zação discussão dos estudantes.

Primeiro ele apela para a medita-
ção e o "bom senso", quer nas cartas que
manda para casa dos alunos, quer nas de-
moradas intervenções em RGA. Começa por
afirmar que as prisões são factos estra-
nhos ao Técnico, mas impenha-se em mos-
trar interessado na libertação dos pre-
sos, convidando os estudantes a voltar
às aulas por 15 dias que ele "trataria"
da libertação dos estudantes presos.

Logo que vê que as suas "balelas"
e a ameaça do chumbo não surtiam o efei-
to desejado, o director "endurece" - aí
o temos a deixar de convidar os estudan-
tes a passar pelo Técnico em dias de RGA
e tomarem a "decisão ajuizada", para im-
pedir mesmo que as reuniões lá se façam

OS "OUSADOS" DE DI- REITO AFUNDAM-SE EM "OUSADIA"

No primeiro número da INFORMA-
ÇÃO ASSOCIATIVA referimos duas certas
actuações do grupo de estudantes que se
reivindica de "Ousar lutar, Ousar ven-
cer" (Direito), actuações essas concerta-
das com o "Estar na luta", grupo sec-
tário que desenvolve a sua actividade em
Económicas.

Nesse artigo evidenciámos o ca-
racter de troca-tintas desses estudan-
tes que tudo faziam para tentar apare-
cer sempre como "os bons" da história.
Desde as aldrabices mais descaradas até
à sabotagem de decisões democráticas de
reuniões de estudantes, quando veem que
estas lhes são totalmente desfavoráveis,
a tudo jogam mão.

Esse artigo atrás referido, toca-
va com algum promenor o caso da provoca-
ção do Horácio, provocação essa reconhe-
cida por toda a gente, inclusivamente
por esses senhores "Ousar lutar, Ousar
vencer" - "Estar na luta" que só em bon-
versas e reuniões restritas o confirma-
vam.

Deviam pensar que era uma "derro-
ta" dar o braço a torcer e reconhecer a
verdade, quando afinal a derrota foi
a evidência com que se desmascararam:

- como aldrabões incapazes de re-
conhecer os erros que cometem,

- e como provocadores (pois defen-
deram com unhas e dentes um elemento que

mantendo o instituto fechado, durante cerca de um mês.

Convencido de que o tempo que se passara e as suas regulares cartas levariam os estudantes a abdicar da continuação da luta pela libertação dos dois colegas a inda presos - entre os quais o presidente da ABIST - ele diz que o Técnico reabrirá, para tirar dúvidas e fazer exames do primeiro semestre (em relação ao segundo semestre, já o tinha declarado anulado).

Mas, face à firmeza demonstrada pelos estudantes, que não foram no jogo do Sales e decretaram greve aos exames (numa RGA em Medicina) ele não hesitou em tomar as medidas precisas para salvar a face:

Encerra definitivamente a AE, suspende a direcção e instaura um inquérito às suas actividades. Tenta, a todo o custo, fazer exames, dando para isso cobertura aos traidores, os furas,

COMO FORAM OS EXAMES NO TÉCNICO

ou

O SALES MAIS ENFENHADO QUE OS POLÍCIAS PARADADOS

Ao verq que não conseguia enganar os estudantes do Técnico, o director não hsita e mostra claramente em quem é que ele se apoia - nas minorias - os furas, os traidores.

As condições emque os exames se realizaram são de facto uma inovação no que respeito à perfeita coordenação de esforços entre as diferentes polícias. Vejamos alguns exemplos:

1. No cimo da alameda mantiveram carrinhas de polícia de choque e níveis. Circula va um nível e era muito mais do que o habitual a quantidade de bufaria que ro-deava o instituto.
A coordenação entre pa sanos e fardados era perfeita. Houve corcos e armadilhas em que os polícias conseguiram prender alguns estudantes.
2. O Sales chega a apontar os elementos dos piquetes e dava regularmente uma vol-tinha de carro pela zona, após a qual e curiosamente apatocia a polícia a inter-forir com os piquetes ...
3. A entrada no instituto só se fazia por uma porta e perante a apresentação do car-tão do estudante e a carta do Sales, em que era marcado o exame. As marcações de exame eram feitas no maior secretismo (por carta) só a pequenos grupos - os que davam garantias.
4. Havia intercomunicadores entre os contínuos que estavam à porta e a direcção da escola, para prevenir qualquer perturbação e anunciar a entrada dos furas-trai-dores.
5. Os próprios professores foram cuidadosamente seleccionados. Só foram chamados os catedráticos e um ou outro assistente que lhes inspirasse absoluta confian-ça.
6. Os furas faziam os exames em pe-uenos grupos (dois ou três por sala), em salas fechadas à chave.
7. A equipe de filmagens Pordigão Queiroga foi contratada para fazer um filme de 16 mm a preto e branco sobre, segundo diz o próprio vice-director Professor Porte-la, os reencontros entre os estudantes e a polícia. As câmaras de filmagem es-tão sobre o pavilhão de Química, local donde não só é visível todo o instituto como as redondezas.
8. Nos arredores do instituto há máquinas com tele-objectivas para fotografar à distância os estudantes que muito justamente se empenham no cumprimento das deci-sões tomadas por todos os estudantes do Técnico eschreendo os possíveis furas, impedindo-os de entrar.
9. Os requintes do director polícia chegam ao ponto de, para impedir que os traído-res sejam identificados pelos estudantes que circundam o Técnico, garantir a sua saída, algumas vezes numa camionete que alugou no Eduardo Jorge (com as corti-nas corridas), outras vezes no seu próprio carro tendo os furas cuidado de co-brir a cara com as mãos

a sua eficiência chegou ao ponto de, vendo em cada carro que o segue um perseguidor, fazer constantes inversões de marcha ou passar todos os sinais vermelhos... Muito receia ele o justo castigo que os estudantes possam dar aos furas!

QUEM SÃO OS FURAS

Apesar de todos os cuidados da polícia e do director, entre cerca de 6000 alunos só 1% furou o boicote decretado; o que é sem dúvida uma clara vitória para agrando maioria dos estudantes. (I)

os furas são os indivíduos que consientes de que:

- Há colegas seus a serem torturados nas masmoras da pido (por apoiarem activamente a expulsão dos gorilas da Universidade).
- As instalações associativas foram encerradas e a direcção suspensa e instaurado um inquérito às suas actividades.
- O seu furo é um trunfo nas mãos das autoridades e prejudica os seus colegas.

Os furas sabem até, que uma não resposta por parte dos estudantes significava neste caso, deixar às autoridades caminho livre para suspender, prender ou matar estudantes, de entre aqueles que mais se têm destacado nas lutas contra a actual Universidade, para criar assim um clima de medo.

Mas os furas concordam com as cargas policiais, com os gorilas dentro da Universidade e conseqüente proibição de liberdade de informação e reunião; Eles apoiam descaradamente a polícia e os directores, ao serviço dos ricos, dos patrões, que incomodados pelas lutas dos estudantes quando elas põem em causa as funções da actual Universidade, pretendem aniquilar o movimento estudantil.

Os furas que traíram o boicote a exames no Técnico são indivíduos bem definidos e como tal, os estudantes saberão dar-lhes a resposta que merecem os traidores.

OS ESTUDANTES DO TECNICO CONTINUAM A SUA LUTA!

A percentagem mínima de furos (nas circunstâncias em que os exames decorreram) foi uma vitória estrondosa para os estudantes do Técnico e uma clara derrota para as autoridades policiais e académicas.

Logo desde o início os estudantes não se deixaram enganar pelo paleio, as promessas ou intimidações do reitor, não abandonaram os seus colegas, não venderam a luta, antes souberam reforçá-la e vencer as limitações que lhes surgiram, nomeadamente o encerramento do Técnico. Mantiveram reuniões de curso e de Comissão de Curso, distribuíram às portas dos colegas os binómios e comunicados da Curso (garantindo assim que eles não eram desviados).

Esta vitória foi uma clara manifestação de força dos estudantes que permitirá prosseguir conseqüentemente, vencendo as possíveis novas investidas. Os estudantes do Técnico não hesitarão em tomar a posição firme. Nós, colaboradores da Associação de Estudantes de Ciências, apelamos para todos os estudantes de Ciências de Lisboa, para logo desde o início do próximo ano, apoiarem activamente a sua luta.

PELA EXPULSÃO DOS GORILAS DA UNIVERSIDADE!

PELA REABERTURA DAS INSTALAÇÕES ASSOCIATIVAS!

PELA ANULAÇÃO DO INQUÉRITO À DIRECÇÃO DA AEIST!

(I) dentre estes há ainda alguns que, por não estarem completamente esclarecidos furaram. Mas, tendo tomado consciência do significado da sua traição, podiram a anulação dos exames.

os "ousados" de Direito afundam-se em ousadia

(cont. da 1a. pág.)

toda a gente apontava como tendo tomado atitudes altamente provocatórias). Mas não ficaram por aqui. Por alturas do dia 12 de Julho, data em que faz 9 meses sobre a morte do estudante de Direito, Ribeiro dos Santos, assassinado em Económicas pela pida, desenvolveram grande alarido na Cantina da Cidade Universitária, criticando tudo e todos e arvorando-se nos paladinos do que de positivo se passou no MÃO há um ano a esta parte.

- Em primeiro lugar, se há alguém a quem atribuir as responsabilidades do que de positivo houve na actividade estudantil, esse alguém são os estudantes que se dispuseram cada vez mais a lutar contra a repressão governamental e a participarem ampla e activamente em formas de luta contra a estrutura actual do ensino e pela defesa do seu movimento. Esta uma primeira conclusão que se põe imediatamente aos senhores do "Ousar Lutar, Ousar Vencer": o que se evidencia de determinante no MÃO é obra dos estudantes e não de grupos ou grupinhos que se substituem a eles.

- Em segundo lugar há a analisar também quem fez as apreciações certas da situação, quem lançou as palavras de ordem justas, quem trabalhou para mobilizar e organizar os estudantes, quem impulsionou o movimento para a frente. E neste campo, como veremos, à frente, o papel destes estudantes, além de ter sido diminuto (veja-se o flagrante exemplo da falta de trabalho em Direito), foi em alguns casos mesmo contraproducente no conjunto do movimento (vejam-se as acções de minorias empreendidas por estes senhores que redundavam em fogachos inconsequentes, pois não tinham o apoio e a participação da grande massa e conduziam ao isolamento de meia dúzia).

Mas, como dizíamos, por altura do 12 de Julho, fizeram grande alarido na Cantina da Cidade Universitária. E além de 1 ou 2 Meetings que promoveram fizeram distribuir 2 comunicados, assinados "Ousar Lutar, Ousar Vencer" que, devido às barbaridades que lá se encontram não poderemos deixar passar em claro.

Vejamos, pois, a categoria destes senhores:

O ASSASSINATO DE RIBEIRO SANTOS

No dia 12 de Outubro do ano passado, no decorrer de um Meeting contra a repressão em Económicas, 2 agentes da pida entram na sala do Meeting, pela mão de um dirigente reformista. Imediatamente vários estudantes se levantaram, entre os quais Ribeiro Santos, para expulsar da sala os dois bufos. Os pides puxam das pistolas, começaram a disparar a torto e a direito, assassinando de imediato Ribeiro Santos e ferindo outro estudante de Direito.

Este acto criminoso provocou justa indignação de todos os estudantes, que não só em Lisboa como no Porto, desenvolveram grandes lutas, não deixando passar impune este assassinio.

- Pois bem, os tais comunicados do "Ousar lutar, ousar vencer" voltam completamente do avesso o que realmente se passou, e claro, tentam afirmar que eles, os "bons", têm direito à coroa de louros pelas vitórias obtidas nessa altura.

Esquecem-se de dizer que, durante cerca de 15 dias, a quase totalidade das Escolas de Lisboa não funcionou, e os estudantes utilizaram a greve para informar a população e manifestar a sua indignação junto do povo.

E que quem não esteve em greve, foi Farmácia, Veterinária (escolas onde não há praticamente trabalho associativo) e... Direito.

Mais flagrante ainda: quando no dia seguinte ao assassinato, houve um meeting que foi duramente disperso com o carro de água, cães e bastonadas, dentro de Direito decorriam normalmente os exames da segunda época.

E não venham dizer, esses senhores, que os estudantes de Direito é que são isto ou aquilo, para tentarem encobrir a ausencia completa de trabalho no interior da Faculdade

Os estudantes de Direito ficaram como todos os outros, indignados com o brutal assassinato.

E cabia ao M.A. de Direito (se lá o houvesse!) dar uma expressão organizada à sua justa indignação.

Toda a gente sabe bem que é que redondas manifestações individuais e expontâneas. Só organizadamente e de forma unida é que o Movimento dos estudantes pode dar e tem dado passos em frente e respondido à repressão governamental.

Garganta não falta a estes senhores, mas trabalhar junto aos estudantes ou reconhecer os erros cometidos é que não são capazes (1).

Depois vêm dizer que houve certos estudantes, a que eles chamam "defensores" do "Ensino Popular", que teriam "sabotado" a luta e "desviado" dos seus objectivos.

Quanto a argumentos em abono desta teoria, nem um!

Aliás, para eles, a demonstração é "evidente": eles sabotavam porque sabotavam, isto é, porque não defendiam a sua orientação.

Mas quem defende os comunicados à população aprovados nos meetings e nos plenários por essa altura?

Não foram esses estudantes "ousados", nem tão pouco os reformistas, escalados que estavam com o conluio no assassinato.

E quem foi, nessa altura, preso em casa pela PIDE, numa tentativa evidente de estancar o movimento?

Também não foram estes estudantes "ousados"...

Para reavivar a memória lembremo-lhes que foram elementos de duas direcções dos chamados "defensores" do "Ensino Popular" e elementos de uma direcção reformista.

E que escolas levaram até ao fim as decisões do Plenário, decisões essas vinculativas para todos os estudantes de Lisboa, e por cuja aplicação o M.A. de cada escola deve zelar?

Também não foi Direito (que como vimos, nem um dia de greve fez, não obstante os estudantes nessa escola se mostrarem a isso dispostos) nem tão pouco o Técnico ou Económicas onde, devido a falhas internas, as direcções reformistas conseguiram levar à frente a sua determinação de retorno às aulas.

Não vamos proferir mais exemplos dessa altura. Qualquer estudante não muito afastado do trabalho associativo reconhece o "fogo de vista" que caracteriza toda a actuação deste grupo de estudantes.

Vamo-nos debruçar um pouco sobre a actividade por eles desenvolvida no interior da Faculdade de Direito neste ano lectivo (72/73) e que, em princípio, daria uma base para toda a sua vociferação.

Porque de diletantes, de indivíduos que mais não fazem do que imponentes discursos, está o mundo cheio...

O ANO LECTIVO DE 72/73 EM DIREITO

1. Já referimos o que se passou em Outubro quando do assassinato de Ribeiro Santos. Nem uma palha mexeram para mobilizar os estudantes de Direito e aplicar as decisões de Plenário que estabeleciam greve geral para toda a Academia.

Neste ponto têm a coragem de andar parados a dizer que eles sim é que são estudantes progressistas e que dirigiram consequentemente a "luta pela vingança do camarada Ribeiro Santos".

2. Em Novembro-Dezembro, mas mais já em Dezembro, houve eleições para as delegações de curso (delegações de curso é o nome dado às comissões de curso em Direito. As delegações de curso, reunidas formam a Junta de Delegados de Direito).

Logo aconteceu que este grupo "Ousar lutar, ousar vencer" que tão progressivamente se denomina, foi arrebanhar espécies raras para comporem as listas por eles propostas: desde pessoas, bons alunos, que à partida concordavam em colaborar em questões pedagógicas e mais nada, e mostravam mesmo certa relutância face ao trabalho associativo em geral, até meninos bem operaltados (como aconteceu no quinto ano) que tentavam dar um "bon aspecto" à delegação e "apanhar" os votos dos estudantes.

O critério do trabalho, da disposição das pessoas em desenvolverem trabalho junto dos estudantes, do prestígio face ao curso adquirido pela actividade desenvolvida em prol de interesses de curso e dos estudantes em geral, tudo isto eram características substituíveis para elementos que formavam as chamadas delegações de curso.

Mas poder-se-á perguntar porque agiram assim.

É simples. Não desenvolvendo trabalho junto dos estudantes da faculdade, não era essa a garantia da sua eleição. Assim chamaram esses elementos folclóricos, que davam um certo "ar familiar" à lista (enfim, tipos conhecidos...) e não tinham problemas de não ser eleitos.

Isto para não falar, é claro, na caça aos votos (no 3º ano, por exemplo, e na própria composição das delegações de curso).

Passado pouco tempo, esses elementos folclóricos desapareciam (pois não eram elementos activos) e poderia facilmente forjar-se uma "unanimidade" ao nível das delegações de curso.

Temos de reconhecer que este plano, não era mal pensado não senhor!

Passemos a novo aspecto.

3. Em Março estalou um processo na faculdade por causa da reforma intraduzida e que aboliu a época de outubro.

Como organizaram eles a luta pela época de outubro?

Começaram por lançar um abaixo-assinado... eles que criticavam os reformistas por andarem para aí a lareirarem ao governo telegramas de protesto e abaixo-assinados, acabaram por cair no mesmo laço!

Ora toda a prática do movimento associativo prova, e os ultimos acontecimentos confirmaram, que só a força organizada dos estudantes pressiona de facto o governo e restantes autoridades a cederem nas justas reivindicações estudantis.

Os abaixo-assinados já mostraram ser totalmente inefficazes (2). Os próprios dirigentes que em Direito não se lhes opuseram, sabiam-no bem. Chegaram mesmo a afirmar que os deixavam seguir sem mostrarem a sua incorrecção, porque, das duas uma: ou eles davam resultado e os estudantes considerariam que tinham obtido a vitória na sua luta, ou, (caso que consideravam mais provável) elqção resultava e "essa forma de luta" ficaria totalmente desmascarada.

Este o mais perfeito oportunismo. Esta a forma que escolheram para "consciencializar" os estudantes'.

Fizeram depois uma RGA onde apareceram cerca de 700 a 800 estudantes para examinar o problema dos "gorilas" e a resposta do director Martinez ao abaixo-assinado.(3)

Os gorilas perante tanta gente não tiveram força para entrar ao barulho. Elegeram então, os alunos ali presentes, uma comissão para ir falar ao Martinez. Essa comissão era formada por membros das delegações de curso, e portanto também do nosso grupo "Ousar lutar, ousar vencer".

Perante o director, fazem então a mais incrível conjura: como o Martinez se mostrasse inquebrantável face às reivindicações da época de outubro, eles por sua iniciativa, perguntaram então se ele não dava a época de Março.

Os concluídos com as autoridades passaram a não ser apanágio exclusivo dos reformistas, pois estes senhores lhes seguiram as pisadas!

Abdicar da época de outubro perante o director sem discutir previamente com os estudantes (que nada tinham decidido ainda sobre a época de Março) e tentar na conversa de gabinete "solucionar" a questão, eis no que chegaram estes estudantes!

Realmente é preciso muita ousadia para chegar a este ponto!

Aliás, no decorrer deste processo, quando os estudantes face ao director em concentração, o apelidavam de "fascista" e se mostravam mesmo convictos da necessidade de ir para a frente, alguns destes dirigentes que se auto-intitulavam "M.A. do Direito" nada fizeram. Chegaram ao ponto de esconderem na biblioteca quando os gorilas dispersavam as reuniões à pancada. Não organizaram os estudantes, fizeram escurecer o movimento... mas andavam para aí a dizer que se tinha passado a uma forma superior de luta: da época de outubro para a luta contra a repressão. E quem quiser que embulhe!

4. Como último aspecto do trabalho interno vamos falar no trabalho por eles desenvolvido para isolar a orientação reformista dos estudantes e fomentar nestes uma consciência sindical avançada (isto é, capaz de fazer face às investidas reformistas).

Com toda a sua arrogância, própria dos "teóricos" que tem a verdade na cabeça, são à primeira vista, os mais radicais combatentes do reformismo.

Mas na verdade, a sua actividade não passa de uma reelaboração da dos reformistas.

- continuam com os abaixo-assinados em vez de organizarem os estudantes e de os unirem, à volta dos seus dirigentes na luta pelo alcance das suas reivindicações.

- os conselhos de gabinete, próprios dos reformistas que tentam travar o desenvolvimento da luta dos estudantes, reaparecem agora nas mãos destes que, a péis juntos, juram ser "anti-reformistas".

- as aldrabices e os exageros, próprios dos reformistas, (que fazem sempre um burburinho de Vitória! Vitória! quando perante uma cedência das autoridades é preciso redobrar o esforço da luta, pois a cedência tem sempre o reverso da medalha), são agora apanágio da linha ousada que não tem problemas em aldrabar, deturpar, etc, tudo para se mostrar melhor que eles!

Ora sabemos que só pelo trabalho persistente é que as ideias erradas podem ser afastadas do seio dos estudantes. Principalmente porque essas ideias erradas se costumam dar arde de ideias justas, adequadas mesmo ao desenvolvimento dos estudantes. Não é de repente que elas são rejeitadas por eles. Isso requer árduo trabalho de base e quem é não faz das duas uma - ou não tem interesse em afastar essas ideias erradas - ou tem ele próprio ideias erradas, que esse trabalho só viria evidenciar ainda mais.

Embora o galvando deste grupo "ousar lutar, ousar vencer" se pretenda de "anti-reformista" os métodos que utiliza são perfeitamente idênticos àqueles que eles dizem combater.

A sua "denominação" resume-se laconicamente: não são reformistas porque são anti-reformistas.

CONCLUSÃO NECESSÁRIA

Como vimos, o que caracteriza principalmente este grupo é a falta de posições firmes sobre o M.A. e a sua evolução.

Pretendendo auto-evidenciar-se, a tudo recorrem para envernizar as suas posições e as suas opiniões, e aparecerem como expoente máximo do M.A.

Desde as aldrabices mais evidentes (4) até às críticas sem nome (sobre os tais defensores do "cancino popular" limitam-se a fazer críticas exclusivamente ao abstracto, sem referir um único aspecto concreto), esta é a essência da linha de orientação do grupo "ousar lutar ousar vencer".

*...do movimento...

Como não conseguem desenvolver trabalho de base junto dos estudantes e organizá-los e com eles participar nas suas lutas diárias, utilizam a aldrabice, a arrogância e o sectarismo para se tentarem impor no M.A.

Não terão, no entanto, êxito algum.

O M.A. não pode ser campo para brincadeiras de grupos ou grupinhos.

O M.A. tem a função de organizar e mobilizar a generalidade dos estudantes na luta pela defesa dos seus interesses, integrá-los na corrente histórica que modificará esta sociedade e que porá o Ensino ao Serviço do povo.

E os estudantes não poderão nunca dar tréguas a estes trapezeiros que se metem no movimento tentando desviá-lo dos seus objectivos próprios.

Nós procuraremos assegurar a nossa quota- parte.

Fora da Universidade com os aldrabões!

NOTAS

(1) Lembremo-nos de que o argumento da existência no interior da Faculdade de go rilas não pega. Também Ciências e recentemente Letras deram já o exemplo a seguir face a eles:

- expulsaram-nos à pancada; e a Direcção "ousada" de Direito, por altura do assassinato de Ribeiro Santos estava já há um ano em exercício e teve mais que tempo pa ra organizar devidamente o movimento nas turmas, nos cursos, na escola e espreen der o "saneamento" da Faculdade.

(2) Ainda há poucos dias, com o apoio velado de certas Direcções, andou um grupo reformista a tentar lançar um abaixo-assinado para apoio aos estudantes do Técnico. Na altura em que houve uma greve de cerca de três meses, em que o semestre foi anu lado pelo CN, em que a AE foi encerrada, os seus dirigentes suspensos e instaura- dos processos disciplinares, em que o polícia Sales Luís tenta a todo o custo levar ao furo da greve a exames, enfim, quando as autoridades estão completamente desma caradas, põem-se a lamuriar, junto daqueles que são os nossos mais ferozes inimi- gos.

(3) Note-se pelo número de participantes, devida à falta de trabalho que evidenci- asse a importância dos problemas em questão e do interesse em participarem na sua resolução (o que levaria ao aumento do número de participantes na RGA, o interes- se dos estudantes de Direito pelos assuntos a tratar e a fraca disposição em lu- tar pela defesa dos seus interesses.

(4) Uma outra aldrabice focada nos dois últimos comunicados foi a que se referia a um Plenário de Maio/72. Dizem eles que lá foi aprovado um comunicado que apenas tinha o apoio de Direito e Comercial, quando toda a gente sabe que quem defendeu es se comunicado foram os "ousados" de Direito, Comercial e os Reformistas do Técni- co, Medicina, Industrial e Económicas. E o comunicado tinha mesmo incorrecções de vido às conclusões apressadas, próprias desses senhores, embora a alternativa exis tente fosse altamente maçada mas mais apropriada à distribuição em massa. Como dá mais aspecto dizer que foram só eles a defender o comunicado aprovado (e ainda pa ra cúmulo quem os ajudou foram os reformistas), pronto! Esquece-se o que de facto lá se passou!